



LER E ESCREVER NA ESCOLA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O USO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DOS DESAFIOS CONCERNENTES A ESTE PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Isaura Lays Sá Fernandes de Souza ¹

RESUMO

A aquisição do uso da leitura e escrita são indispensáveis para o indivíduo, por contribuir, de forma significativa, à sua formação enquanto sujeito social ativo. Partindo deste pressuposto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência diante do uso de práticas de leitura e escrita desenvolvidas numa escola do município de Delmiro Gouveia/AL. Um projeto didático, atrelado ao estágio supervisionado em anos iniciais da autora, com véis de letramento, contou com a participação de uma turma de 22 crianças na faixa etária dos 6 aos 7 anos de idade. A pesquisa se caracteriza pela sua abordagem qualitativa, cuja metodologia foi a pesquisa de campo e a bibliográfica que buscou aprofundamento na temática, por meio da observação, intervenção e estudo de autores como: Brito (2007); Ferreira, Teberosky (1986); Maruny (2000); Piaget (1998); entre outros. Neste trabalho será discorrido sobre as reflexões feitas, práticas adotadas, dificuldades percebidas e enfrentadas no que concerne ao desenvolvimento da leitura e escrita no alunado participante. Com o relato de experiência será possível identificar alguns desafios que se põem as crianças, quando estas estão em processo de alfabetização; que é indispensável o assumir de práticas alternativas, na escola, pelos docentes, de caráter lúdico de leitura e escrita na infância, como papel fundamental na formação de sujeitos sociais letrados. Além disto, fica evidente a necessidade de ser realizado um trabalho educativo que olhe para as crianças em suas potencialidades, ritmos, modos de aprender, como processos subjetivos de aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Anos iniciais, Ludicidade.

INTRODUÇÃO

No contemporâneo, a leitura nunca se fez tão indispensável na vida do ser humano. Ela está presente no nosso cotidiano, em nossa cultura e é através dela que conseguimos compreender e viver em uma sociedade letrada. Deste modo, despertar nas crianças, o gosto pelo ato do ler desde os anos iniciais do processo de escolarização, se faz necessário, uma vez que é sabido que os discentes devem ter domínio sobre a língua oral e escrita, tendo em vista sua autonomia e participação social.

¹ Graduada pelo Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão. Professora da Educação Básica na Secretária Municipal de Educação de Delmiro Gouveia – SEMED/AL. E-mail: layysfernandes@outlook.com.br.



Oportunizar a aprendizagem das crianças referente a leitura e escrita, tem si tornado um grande desafio aos alfabetizadores (CRUZ, 2019); uma constatação que não é algo novo, há muitos anos atrás já se ouvia falar em dificuldades de leitura e de escrita, pelas crianças das primeiras séries. A aquisição dessas competências tem se constituído como um processo complexo e árduo, os quais as crianças para atingirem, acabam por passar um longo e complicado caminho por vezes pautados em problemáticas que surgem no ensino e na aprendizagem dos discentes (sejam elas inerentes a fatores externos ou internos), durante este percurso de alfabetização na idade certa, nas instituições educativas.

Smith afirma que “a leitura e a escrita na escola, pouco tem a ver com as experiências de vida e da linguagem das crianças” (1999, p. 49), um fato que pode ser o propulsor do fracasso escolar de alguns alunos, no período de alfabetização. Provocada por essa lacuna inicial, o presente trabalho tem como finalidade apresentar um relato de experiência diante do uso de práticas de leitura e escrita desenvolvidas numa turma do ensino fundamental I de uma escola² do município de Delmiro Gouveia/AL³. As atividades desenvolvidas faziam parte do projeto realizado como requisito obrigatório para a disciplina de Estágio III, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão.

O Estágio Supervisionado III em Ensino Fundamental I no curso de Pedagogia da UFAL - Campus do Sertão, faz parte do núcleo conclusivo de disciplinas da licenciatura e compõe a tríade de estágios: Estágio Supervisionado I em Gestão Educacional, Estágio Supervisionado II em Educação Infantil e Estágio Supervisionado III nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. É direcionado aos cursistas no oitavo período, com 8 horas semanais, 40 horas para a carga teórica e 100 horas para prática, totalizando 140 horas semestralmente. De acordo com o PPC do curso (2018) a disciplina visa ao discente a observação e análise crítica da prática docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na escola – campo de estágio. Com a elaboração de projeto/planejamento da intervenção, aplicação e execução do projeto/plano elaborado para

² Trata-se de uma instituição pública que oferta o ensino regular. Logo, a escolha por esta escola se deu por fatores como: a modalidade de ensino, o financiamento e a localização. Já a etapa de ensino, foi eleita por ser o momento ideal de analisar como as crianças, que saíram da pré-escola, são introduzidas no processo de alfabetização/letramento, e como estas lidam com essa conjuntura.

³ Localizado no alto sertão de Alagoas, a cidade tem uma população estimada em 52.016 pessoas (IBGE, 2020). Em relação aos vínculos empregatícios em ocupações formais, na cidade, destaca-se a agropecuária, comércio, indústria, construção civil, serviços públicos, entre outros; já de modo informal há o artesanato, a agricultura, etc. No que tange à escolarização, o município atende do maternal ao ensino fundamental maior, ofertando um ensino educacional para crianças e adolescentes (dos 3 aos 14 anos de idade). Há também nas escolas públicas da cidade a modalidade de ensino EJA (Educação para Jovens e Adultos).



atuação na docência nessa etapa de ensino, através de toda a bibliografia apresentada dos saberes e metodologias das áreas.

O estágio supervisionado constitui um passo importante na formação do estudante de graduação e do futuro profissional, estabelecendo um contato, muitas vezes o primeiro, com a prática condizente à sua futura profissão. Ele é determinado como uma experiência que permite o refletir sobre a prática e o agir nela segundo as teorias apreendidas durante o percurso acadêmico do discente nos seus anos de formação (PIMENTA; LIMA, 2006).

Conseqüentemente, através das observações realizadas no cotidiano de uma turma do 1º ano do fundamental I, de uma escola do alto sertão alagoano, foi percebido pela postura dos alunos que eram bastante curiosos e participativos, que estes tinham um enorme gosto pelas atividades diante da leitura e escrita que eram trabalhadas em sala de aula, principalmente quando estas envolviam a ludicidade – por meio de jogos e brincadeiras. Bem como, havia a necessidade de estimular a leitura e escrita no espaço escolar dos mesmos, visando o melhoramento do desempenho destes para as outras áreas do conhecimento com o prosseguir nas séries posteriores. O intento era articular uma proposta pedagógica de ensino aos reais interesses da criança, respeitando seus tempos e especificidades, oferecendo oportunidades para que elas pudessem desenvolver suas competências, consolidando os saberes que já possuíam com os vindouros.

Partindo desse contexto, um projeto com véis de práticas de alfabetização e letramento foi construído e colocado em prática durante a regência da estagiária/pesquisadora em formação, no período de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019. Neste trabalho então, será discorrido sobre as reflexões feitas, práticas adotadas, dificuldades percebidas e enfrentadas no que concerne ao desenvolvimento da leitura e escrita no alunado participante – 22 crianças, 14 meninas e 8 meninos, na faixa etária dos 6 aos 7 anos de idade.

A pesquisa, então, se caracteriza pela sua abordagem qualitativa, cuja opção metodológica foi a pesquisa de campo e bibliográfica que buscou aprofundamento na temática, por meio da observação, intervenção e estudo com: leituras, análises e reflexões da produção de autores diversos que discutem o tema em questão.

No decorrer desse trabalho, com o relato de experiência será possível verificar que é indispensavelmente o assumir de práticas alternativas de caráter lúdico de leitura e também de escrita desde cedo, ainda na infância, como papel fundamental na formação de sujeitos letrados; papel este que deve ser trabalhado na escola e complementado em casa pela família e demais espaços sociais e culturais de aprendizagem. Para que as crianças, por meio de momentos que



despertem o amor ao livro e à consciência da importância de se adquirir o hábito de ler, compreendam que a leitura é o instrumento chave para o alcance das competências necessárias a uma vida de qualidade, produtiva e com concretização no meio social.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo e bibliográfica, com abordagem qualitativa. Com metodologia de emprego sob observação participante direta, ao a estagiária/pesquisadora intervir no meio a partir do uso de práticas alternativas de ensino. Minayo, esclarece que,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Para entender o campo pesquisado foi preciso se envolver para além da sala de aula. A permanência de três meses na instituição, seguindo as normas da disciplina do Curso, foi necessária para compreender o contexto e identificar uma problemática que precisasse ter intervenção direta. Com as observações e análises, a turma única do 1º ano do Ensino Fundamental I da escola, se tornou o espaço ideal para desenvolvimento de uma proposta pedagógica que surtisse efeito nos envolvidos, posteriormente nos seus processos educativos.

Por consequência, a revisão de literatura ou revisão bibliográfica foi essencial na construção de uma contextualização para o problema e análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa (ALVES-MAZZOTTI, 2002). Com materiais coletados pelo levantamento bibliográfico, de distintas fontes científicas (artigos, teses, dissertações) e fontes de divulgação de ideias (revistas, sites, vídeos etc.), tem-se a possibilidade de ampliação do grau de conhecimentos sobre a área de estudo, a capacidade de delimitação da problemática abordada e conhecimentos disponíveis para construção de um modelo teórico explicativo sobre o mesmo.

Alguns instrumentos de pesquisa, em campo, também foram adotados e merecem descrição, como: O diário de campo – onde foi documentado, ao final de cada dia, os movimentos de tempos e espaços constatados por meio das observações que ocorreram na



turma de regência, bem como na comunidade escolar no geral. E a câmera fotográfica⁴ – para registro em fotos e vídeos do cotidiano das crianças no contexto da sala de aula, principalmente dos momentos que elas estavam a vivenciar as práticas alternativas de leitura e escrita. Gobbi (2011) nos indica que, dado a relevância de seu uso, pode-se inferir as fotografias como documentos sociais e históricos, que se comporta como fonte a contribuir com as pesquisas sobre as infâncias e aquilo que se encontra à sua volta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer do século XX a língua escrita (alfabetização) se tornou uma tecnologia fundamental em nossa sociedade. É como se esta fosse um pré-requisito para qualquer progresso do indivíduo, tendo domínio dos conhecimentos e acesso aos diferentes usos da mesma. Deste modo, almejando possibilitar o desenvolvimento da língua escrita e oral das crianças, que o projeto “Ler e escrever na escola: o uso de práticas pedagógicas de leitura e escrita numa turma do 1º ano do ensino fundamental I do alto sertão alagoano”, foi colocado em prática durante um período de permanência de 3 meses em campo, com observações e intervenções diretas, com a regência de 15 dias, da estagiária/pesquisadora.

Para a efetivação da proposta foram pensadas certas práticas escolares para serem adotadas durante a vigência do estágio. Porém, no decorrer das mesmas, algumas destas atividades ganharam um novo rumo, a partir do envolvimento das crianças e das especificidades infantis. Em muitas ocasiões, foi preciso refletir e replanejar os fazeres pedagógicos, quando a prática do campo confrontava a teoria. Recorreu-se aos pressupostos piagetianos, quando este mostra que cada fase de desenvolvimento apresenta características e possibilidades de crescimento da maturação ou de aquisições do indivíduo. Assim, entender que em cada atividade demandada cada criança iria responder e fazer a mesma de um modo diferente e por consequência singular. Piaget (1998) ainda coloca que o conhecimento destas possibilidades faz com que os docentes possam oferecer estímulos adequados a um maior desenvolvimento da criança.

Os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosk (1986), tanto na teoria pensada quanto na prática adotada foram fundamentais. As pesquisadoras nos demostram que as crianças

⁴ As fotografias das crianças, registradas pela pesquisadora e que estão no corpo deste trabalho, têm autorização para seu uso, sendo assegurado pelos termos e documentos inerentes ao estágio supervisionado.



constroem hipóteses a respeito da escrita e da leitura, da mesma forma que o fizeram para a aprendizagem da língua materna, a oral. O processo de ensino e aprendizagem e as dificuldades que os alunos apresentam em sala de aula em relação à leitura e a escrita, não devem jamais ser julgados sem uma análise reflexiva sobre a vida cotidiana dos educandos.

Foi pensando sobre isto, que as práticas de leitura e escrita construídas em parceria com a professora regente e supervisão escolar foram desenvolvidas com a turma de crianças de modo inclusivo. Isto é, desempenhando trabalhos em grupos, adequando recursos concretos à prática da leitura, da escrita, e das necessidades dos discentes. Buscando refletir também sobre a diversidade cultural, social e econômica do público discente, valorizando as ideais, experiências, a bagagem vívida por eles e o que os mesmos já obtinham de saberes e conhecimentos prévios.

A escola é o ambiente onde a criança tem a oportunidade de se desenvolver fisicamente e intelectualmente. É neste contexto, que ela aprende a conviver e a respeitar as diferenças, como também, ampliar conhecimentos através do contato com a diversidade cultural, social e com uma variedade de materiais concretos, para fazer bom uso da leitura e da escrita. Como: livros, gibis, mural de leitura, revistas, jornais, dicionários, textos diversos, entre outros.

Diante disto, analisemos a seguinte atividade, desenvolvida nos dias de regência, referente ao uso do gênero textual: rótulos de embalagens, como prática pedagógica (FIGURA 01). Para apresentação da temática as crianças, foi realizado um momento de conversação oral, com uso da lousa e atividade relacionada. As crianças demonstraram ter familiaridade com o assunto, e oralmente foram expondo quais eram os tipos de embalagens que mais tinham contato em seus cotidianos. A partir disto, solicitei a amostra dos rótulos levados por elas para observação de todos da turma, os quais havia requerido em aula anterior. Pedi que elas analisassem quais as informações que continham neles e de que origem era, se por exemplo era produto alimentício ou de higiene pessoal. Depois das constatações levantadas pelas crianças, começamos a construir um mural do alfabeto de rótulos. Distribui funções dando a cada discente uma inicial específica do alfabeto, para pesquisa nos materiais que tínhamos a inicial correspondente, recorte e colagem no nosso mural. As crianças ficaram bastante animadas com a tarefa e não demandaram muito auxílio das adultas presentes. Bastante autônomas encontravam iniciais além das que havia sido indicado, cortavam e mostravam que iriam colar no cartaz. Algumas crianças ajudaram também os colegas que estavam com dificuldades na identificação das iniciais. A turma também verificou que havia certas letras do alfabeto que são difíceis de terem produtos/marcas com as iniciais das mesmas. Houve letras do alfabeto que não

tínhamos nenhum rótulo presente, porém, as mesmas se disponibilizaram a procurar em casa rótulos das determinadas letras para completar o nosso mural do alfabeto de rótulos (Diário de campo/aula 06, 2019).



FIGURA 1 - Fonte: A estagiária (2019)

Silva et al. enfatizam que “a utilização dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento propicia o desenvolvimento de diferentes habilidades comunicativas a partir da relação entre texto e contexto e suas implicações sociais” (2012, p. 06). O trabalho com a diversidade de gêneros textuais no desenvolvimento dos processos de alfabetização e letramento oportuniza aos alunos o envolvimento concreto em situações reais de uso da linguagem, significando aprendizagem de forma real e útil. Por este sentido, compreende-se a significância que as crianças deram a atividade com rótulos feita em sala de aula. Algo que parecia ser simples para a condutora adulta, foi prazeroso e despertou o interesse das crianças por envolver aspectos do cotidiano delas, pois quando identificavam nomes de rótulos, distintos dos analisados em sala de aula, que encontravam em sua casa e demais espaços sociais, faziam questão de relatar a descoberta para a estagiária/professora e demais colegas de turma.

Uma outra atividade que merece destaque é a do conto narrativo “E o dente ainda doía”, de Ana Terra. Realizei a narração utilizando fantoches dos personagens do conto o qual contava



com uma sequência numérica de acontecimentos (FIGURA 02). Durante a narração fazia questionamentos para as crianças, as fazendo imaginar possíveis soluções para os acontecimentos presentes na história. Várias vezes as crianças identificaram os fatos que iriam acontecer, pois, elas relacionavam o personagem a coisas características dos mesmos; como: os passarinhos, que segundo elas daria uma dica de

FIGURA 2 - Fonte: A estagiária (2019)



melhora para a dor de dente do jacaré com o uso de uma pena de pássaro, e assim aconteceu. Com o final da história, houve uma roda de conversa e a solicitação do reconto da história por elas. Contextualizamos a história abordada, com a confecção de um jacaré sanfonado. O jacaré era o personagem principal do conto, e com isto, as crianças puderam pintar, recortar e colar o jacaré com auxílio da estagiária/professora, montando o seu próprio fantoche. Com o jacaré pronto, percebi as crianças se reunindo com os colegas, dividindo os personagens, para fazerem o reconto novamente da história, demonstrando que aprenderam todas as sequências de acontecimentos (Diário de campo/aula 09, 2019).

Todas as aulas, independente da disciplina, eram iniciadas com uma história relacionada a um dos temas que seriam abordados em sala. Essa leitura deleite, objetivava oferecer as crianças o prazer, divertimento e o conhecimento diante da escuta da mesma, ao tempo em que estava sendo praticada pela professora, sem soar como alguma cobrança, mas como algo natural já da rotina. Neitzel (2007), afirma que a leitura esporádica ou realizada com frequência semanal não é suficiente para consolidar hábitos culturais e criar afinidades entre a criança e os textos. Por este fato, que a leitura deleite deve ser realizada diariamente junto com as crianças, alternando os gêneros textuais e modos de emprega-los.

Apoio-me na crença de que, como mediadores, os professores podem se tornar eles fundamentais, por indicar leituras e abrir espaços para o livro. Brito (2007) nos apresenta o argumento que para as crianças que ainda não sabem ler, os professores podem possibilitar sua entrada no mundo da cultura letrada, por um modo especial de ler com os ouvidos. Isso porque, “quando uma criança de, por exemplo, 3 anos, toma emprestada a voz da mãe, da professora, da amiga, e lê o texto com a voz emprestada, ela está lendo. Está lendo com os ouvidos, assim como os outros leem com os olhos ou com as mãos” (BRITO, 2007, p.13).

As rodas de conversação também foram fundamentais para desenvolver nas crianças a leitura e a escrita. Elas se constituem como uma metodologia participativa que pode ser utilizada em diversos contextos, proporcionando a troca de ideias entre pares, o estímulo ao falar e a respeitar a fala do outro, num exercício de ampliar a oralidade por meio de atividades que envolve diálogo e troca de saberes.

Os livros, poemas, fábulas, contos, entre outros materiais utilizados nos dias de regência, foram selecionados previamente durante os momentos de planejamento para que a finalidade do projeto de pesquisa fosse alcançada e ganhasse significado para as crianças nos seus processos de alfabetização. Para diferenciar o narrar de cada conto literário foi adotado algumas estratégias (FIGURA 03) como: o uso da caixa de pandora, do cantinho da leitura, narrações



literárias infantis com reprodução em desenho, uso de balões das sílabas, bingo da letra inicial, ditado doce, construção de painéis, alfabeto móvel, etc.

Foi perceptível o resultado positivo que as brincadeiras, dinâmicas e jogos causaram no processo de aprendizagem dos discentes. Naturalmente as crianças se sentiam atraídas pelas atividades e as faziam por vontade própria e não apenas como algo obrigatório. Vê-las também superando certas dificuldades que tinham na escrita, por exemplo, foi satisfatório, visto que assim, demonstravam que os objetivos traçados no decorrer das observações do campo, estavam sendo alcançados.

De acordo com Piaget, “a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa” (1998, p. 89). Esses meios de empregar o fazer pedagógico em sala (o lúdico), certamente contribuem positivamente no processo de alfabetização/letramento de todos os alunos nos anos iniciais do ensino fundamental. As crianças em processo de aquisição da leitura e da escrita, deve se sentir valorizado na escola, como também, valorizada a sua participação nas atividades, e conseqüentemente suas ações positivas. Pensando nisto, que as regências na turma do 1º ano foram feitas prezando a interação delas no meio. Cada fala, gesto, opinião eram considerados no espaço. Uma vez que, o momento que a escola, e principalmente o educador, valoriza seus alunos de forma igualitária, os mesmos passam a acreditar mais em si mesmo, em seu desempenho, em seu potencial, em seus sonhos, ganhando motivação para seguir seus estudos.

Com os estudos teóricos que embasaram a pesquisa de campo e o presente trabalho, fica perceptível que são muitos os desafios enfrentados nos anos iniciais do ensino fundamental em relação à defasagem da leitura e da escrita dos alunos. Não é o foco do trabalho fazer uma análise rigorosa da causa desta defasagem, quais os culpados ou quais os fatores internos ou externos presentes nas dificuldades de aprendizagem das crianças na escola. Mas, durante os dias em sala de aula, na prática, foi possível identificar alguns desafios que se põem as crianças, quando estas estão em processo de alfabetização; como: Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço: b-d; b-p; b-q; d-p; n-u; w-m; a-e; Adições ou omissões de sons, sílabas ou palavras: famoso substituído por fama; casa



FIGURA 3 – Fonte: A estagiária (2019)



por casaco; Repetições de sílabas, palavras ou frases; Problemas de compreensão nos enunciados verbais e textuais; Ao escrever, a criança ocupa toda a largura da página; Transição da letra bastão para a cursiva; Os nomes próprios são escritos pela metade, exemplo: ANA- AA (CONDERMARIN, 1986); entre outros.

Vale salientar, que o período de estágio correspondeu ao final do ano letivo desta turma. E que, ao adentrar em campo me deparei com uma turma de crianças com um processo de alfabetização/letramento consideravelmente bom para esta série de ensino. Poucas crianças demonstravam dificuldades complexas que indicassem problemas internos ou externos de aprendizagem. Havia um trabalho intenso, feito pela professora regente e supervisão escolar, nesta turma em específico, para prepará-las para as séries posteriores. Uma vez que, pelo Plano Nacional de Educação (PNE), lei 13.005/2014, as crianças devem ser alfabetizadas, no máximo, até o final do 3º ano do ensino fundamental, ou seja, aos 8 anos de idade. E com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que define o mínimo que os estudantes devem aprender a cada etapa de ensino, fica estipulado que as crianças sejam alfabetizadas até o 2º ano do ensino fundamental, ou seja, geralmente aos 7 anos.

Contudo, através dos dias lecionados com a turma de crianças, constatou-se que a leitura e a escrita são atividades que dependem muito de estímulos internos e externos, de mediação adequada e motivação contínua dos envolvidos no processo. As crianças não aprendem facilmente por si mesmas. Aprendem reflexivamente porque alguma pessoa as coloca em situação de refletir. Consequentemente, o educador é o ator principal ativo da aprendizagem de seus alunos (MARUNY, 2000), sendo assim o agente na construção de espaços e atividades que permitam que as crianças vivenciem um processo de aprendizagem satisfatório. Não sendo o único agente, mas o principal, o professor ao trabalhar em coletivo e ao buscar por métodos inclusivos que tenham como centro as especificidades de seu público discente, estará a facilitar o percurso escolar das crianças, que por muitas vezes é difícil e sem sentido para elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a experiência do estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental, evidenciou-se a relevância do estágio curricular na formação docente, visto que ele permite ao estagiário em formação o ressignificar diante dos saberes que são construídos neste processo indenitário do profissional da educação.



Foi um trabalho desafiador, mas muito significativo e prazeroso de realizar. E considerando os aspectos observados e vivenciados no período do estágio supervisionado numa turma do primeiro ano do ensino fundamental, comprova-se que este é uma etapa crucial para a formação docente, pelo fato de juntamente com as experiências conquistadas, podemos fortalecer a futura prática educativa neste contexto de ensino que possui inúmeras especificidades e exige do profissional que nele atua e atuará formação inicial e continuada. Como indicado por Freire: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (1996, p. 39).

Contudo, sobre as atividades do projeto, os quais foram descritas no corpo deste trabalho, foi percebido que embora seja o início do processo de alfabetização dos discentes, boa parte deles tem um domínio considerável da leitura e da escrita. E o uso de práticas alternativas envolvendo o lúdico, provocava as crianças a realizarem todas as atividades com entusiasmo e participação, mesmo aquelas que ainda têm dificuldades de identificarem, a exemplo, letras do alfabeto, palavras simples e etc. No curto período de ação pedagógica foi possível perceber o avanço dessas crianças, e o quanto as dificuldades de leitura e escrita se fazem presentes no cotidiano escolar. Por isso é importante que na escola a criança seja incentivada, desde cedo, a ler e escrever por prazer e não por obrigação. Para que isso aconteça o aluno deve ter acesso a todos os tipos de gêneros textuais, para que este perceba o quanto o letramento social é necessário. Com o projeto de campo buscou-se estimular nos alunos o gosto pela leitura e conseqüentemente a escrita. Porém, é importante salientar que o processo da construção do hábito de ler é um processo longo, que precisa ser construído nos alunos desde a infância, sendo aguçado no processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússula do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Projeto Político Pedagógico – **PPC PEDAGOGIA UFAL SERTÃO** 2018. Disponível em: https://ufal.br/estudante/graduacao/projetos-pedagogicos/campus_sertao/projeto-pedagogico-pedagogia-licenciatura-2018.pdf/view Acesso em: 14 de fev. 2019.



BRITO, Luiz Percival de Leme. Letramento e alfabetização: implicações para a Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Org). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. São Paulo: Autores Associados, 2007.

CONDERMARIN, Mabel. **Dislexia**: Manual de leitura corretiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CRUZ, Maria José Madeira da Silva. **As dificuldades de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 05, Vol. 08, pp. 183-195. Maio de 2019.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOBBI, Márcia Aparecida. Num click: meninos e meninas nas fotografias. In: MARTINS FILHO, Altino e PRADO, Patricia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas. Editora Autores Associados. 2011.

MARUNY, Curto Luís. **Escrever e ler**: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Maribel Ministrál Morillo e Manuel Miralles Teicidó; tradução Ernani Rosa. -Porto Alegre: Artmed, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NEITZEL, Adair Aguiar. Prosa e poesia na literatura infantil: a literatura pede passagem. In: FERREIRA, Valéria Silva (orgs). **Infância e linguagem escrita**. Itajaí: Univale, 2007.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**: diferentes concepções. Revista Poíesis, Santa Catarina, v. 3, n. 3 e 4, p.5-24, 2006.

SILVA, Adriana M. P. da; CARVALHO, Ana B. G.; SOUZA, Ivane P. de; SILVA, Leila Nascimento da; LEAL, Telma Ferraz; MARTINIAK, Vera Lúcia. **Os diferentes textos em salas de alfabetização**. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ano 01, unidade 05, 2012.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.